

ÍNDICE

Prólogo	9
Apresentação	11
Objetivos	11
Focalizando a gramática	13
O que incluir?	13
Sobre o treinamento do lingüista	14
Sugestões: como usar o livro em aula	15
Agradecimentos	15
0. Introdução: Gramática e lingüística	17
0.1. De que trata este livro	17
0.2. Descrição e prescrição	21
0.3. O que é uma “gramática”?	23

1ª PARTE: NOÇÕES BÁSICAS

1. Fatos e hipóteses	27
1.1. De aves e hipóteses	27
1.2. Classificando palavras	28
1.3. A gramática é feita de hipóteses	29
1.4. O que é que é tão difícil?	32
1.5. As hipóteses e a estrutura da língua	32
2. De onde vêm os dados?	35
2.1. Dados e hipóteses	35
2.2. Coletando dados	36
2.3. Vantagens e perigos	37
2.3.1. O <i>corpus</i>	37
2.3.2. <i>Introspecção</i>	39
2.4. Agarre-se aos fatos!	40
3. Forma e significado	41
3.1. De onde tiramos o significado?	41
3.2. Uma teoria errada sobre as palavras e o contexto	43
3.3. O significado da estrutura	45

3.3.1. <i>Ordem dos termos</i>	45
3.3.2. <i>Constituintes</i>	46
3.4. <i>Ambigüidade</i>	47
4. O objetivo da descrição	49
4.1. <i>Selecionando o que é relevante</i>	49
4.2. <i>O caráter explícito da análise</i>	51
5. Componentes do significado	55
5.1. <i>Estratégias de interpretação</i>	55
5.2. <i>Os dois componentes</i>	57
6. Onde entra a gramática	59
6.1. <i>Regras gramaticais</i>	59
6.2. <i>Definições</i>	60
6.3. <i>Regras para quê?</i>	61
6.4. <i>Sintagmas nominais e verbos</i>	64
7. Princípios de análise	67
7.1. <i>O que é uma língua?</i>	67
7.2. <i>Afirmações formais, semânticas e simbólicas</i>	68
8. Regras descritivas	71
8.1. <i>Descrevendo a realidade da língua</i>	71
8.2. <i>Agentes e pacientes antes do verbo</i>	71
9. Sintaxe e semântica	75
9.1. <i>Formas sem significado</i>	75
9.2. <i>Formas com significado</i>	76
9.3. <i>A sintaxe residual</i>	77
10. Relações simbólicas na morfologia e na sintaxe	83
10.1. <i>Nomeação e falação</i>	83
10.2. <i>Bons relógios e relógios japoneses</i>	87

2ª PARTE: INSTRUMENTOS DE ANÁLISE

11. Níveis e unidades	93
11.1. <i>Palavra, lexema, sintagma</i>	93
11.2. <i>Tipos de sintagmas</i>	95
11.3. <i>Associação dos sintagmas</i>	99
11.4. <i>Sintagmas: unidades de forma e de significado</i>	100
11.5. <i>Estrutura sintagmática e a montagem do significado</i>	101
11.6. <i>Propriedades dos constituintes</i>	102
11.6.1. <i>Constituintes, uns dentro dos outros</i>	102
11.6.2. <i>Constituintes e o contexto sintático</i>	103

12. Funções sintáticas	105
12.1. Funções	105
12.2. Relações de ordem	105
12.2.1. <i>Sujeito e objeto direto</i>	105
12.2.2. <i>Complicações</i>	109
12.2.3. <i>Orações sem sujeito</i>	109
12.2.4. <i>Predicativo do sujeito</i>	111
12.3. Relações de concordância	113
13. Funções sintáticas: mais exemplos	115
13.1. O núcleo do predicado	115
13.2. Predicativo do objeto	116
13.3. Adverbiais	117
13.4. Termos do sintagma nominal	118
13.5. Preposições e seus complementos	120
13.6. Resumo: funções sintáticas	120
14. Funções semânticas	121
14.1. Agente, paciente	121
14.2. Lista dos papéis temáticos	122
14.3. Papéis temáticos múltiplos	127
15. Classes	131
15.1. Para que classificar?	131
15.2. Classificação por traços	134
15.3. Reaprendendo as classes	135
16. Classes e funções	137
16.1. Funções, classes e o contexto	137
16.2. Potencial funcional	138
16.3. Cada forma pertence a uma (e só a uma) classe	140
17. Construções	141
17.1. Montando estruturas	141
17.2. Definição das construções	142
17.3. As construções do português	143
17.4. Uma gramática de construções	144
17.5. As construções e a valência dos verbos	145
17.6. Revisitando o núcleo do predicado	147
18. O léxico	151
18.1. O tamanho da tarefa	151
18.2. Léxico e gramática	154
18.3. Conteúdo de um item léxico	156
18.4. A língua e o mundo	157

3ª PARTE: GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS

19. Classes: alguns exemplos	161
19.1. Advérbios	161
19.2. Preposições	164
19.3. Conjunções	165
19.4. Mais complexidades	167
19.5. Nominais	168
20. Sintagmas oracionais	169
20.1. Orações subordinadas	169
20.2. Estruturas oracionais especializadas	170
20.2.1. <i>Subjuntivo</i>	170
20.2.2. <i>Infinitivo</i>	172
20.2.3. <i>Gerúndio</i>	173
20.3. Infinitivo e gerúndio com verbos auxiliares	173
21. Período composto	175
21.1. Sumário: o período composto	175
21.2. Limites da oração subordinada	175
21.3. Limites da oração principal	176
21.4. Resgatando a teoria (mas não a prática) tradicional	177
22. Classes: <i>Todos, esses e cinco</i>	181
22.1. Três palavras	181
22.2. Classificando	182
22.2.1. <i>Todos</i>	182
22.2.2. <i>Esses</i>	183
22.2.3. <i>Cinco</i>	184
22.3. Definindo as classes	185
22.4. Revisitando a complexidade	187
23. Construções de tópico	189
23.1. Falhas da análise sintática	189
23.2. Tópico sentencial	189
23.2.1. <i>O que é o tópico sentencial</i>	189
23.2.2. <i>Tópico sentencial, agente e sujeito</i>	191
23.2.3. <i>Mecanismos de topicalização</i>	193
24. Tópico discursivo	195
24.1. O que é tópico discursivo	195
24.2. Função comunicativa do tópico discursivo	197
24.3. Tópicos, sujeitos e a classificação das línguas	200
Bibliografia	203
Índice remissivo	205

PRÓLOGO

Muito poucas vezes tive a oportunidade (e o privilégio) de conversar com o professor Mattoso Camara (1904-1970), introdutor dos estudos lingüísticos modernos no Brasil. Numa dessas vezes, comentamos¹ um livro recém-publicado, no qual o autor se propunha “trocar em miúdos” a lingüística, para benefício de alunos que achavam muito difícil o livro de Mattoso, *Princípios de lingüística geral*. Nessa ocasião, Mattoso se mostrou cético quanto à possibilidade de trocar em miúdos um assunto tão técnico, abstrato e controverso quanto era (e continua sendo) a lingüística.

Não tenho dúvidas, mesmo agora depois de toda uma carreira ensinando lingüística, de que Mattoso tinha razão. No entanto, é preciso continuar tentando — mas sem nunca perder de vista que simplificação tem limites e que somente dar informações sobre lingüística não é *ensinar* lingüística. Uma ciência se ensina a quem está disposto a investigar, não a quem quer ficar sabendo coisas sobre o seu objeto. Em outras palavras, uma introdução à lingüística não é uma obra de divulgação², mas o primeiro passo na formação de um profissional. Conseqüência: apresenta sempre certo grau de dificuldade, e é obra para ser estudada, não somente lida.

É claro que não há desculpa para se produzir um texto desnecessariamente difícil. Ao escrever, tento lembrar-me sempre da afirmação de Karl Popper de que o autor não deve nunca defender seu texto da acusação de ser obscuro; é responsabilidade dele produzir o texto mais claro possível — ainda mais quando se trata de um texto introdutório. Mas, por outro lado, é preciso levar em conta a natureza de cada texto, e de cada disciplina. Não creio que ninguém se deite na cama com um texto de matemática

¹ O prof. Mattoso como o maior lingüista do Brasil, e eu como um pretensioso recém-formado de 25 anos.

² Não tenho nada contra obras de divulgação, e eu mesmo já escrevi algumas. Mas seu objetivo é outro: informar o leitor interessado a respeito de aspectos selecionados de uma disciplina, não iniciar seu treinamento como profissional da área.

ou de lógica simbólica com a intenção de lê-lo antes de dormir. Há livros feitos para serem **estudados**, e estes não são adequados para leitura amena, não se destinam à fruição estética nem servem para quem procura informação fácil sobre alguma ciência. Uma introdução não troca em miúdos uma disciplina; apenas procura apresentá-la, com algo de sua riqueza e complexidade, de maneira racional e digerível.

Esse é o objetivo do presente livro. Seu âmbito é mais restrito do que o de Mattoso, e se limita aos aspectos sintático-semânticos da linguagem — deixando de lado outras perspectivas, como a histórica, a social, a psicológica, a textual, e igualmente omitindo a descrição fonética, fonológica e morfológica. Tive que fazer esse recorte para não sacrificar a profundidade e a extensão das discussões, que considero fundamentais para que o leitor tenha uma idéia adequada do que é “fazer lingüística”. As outras áreas merecem, e em parte têm recebido, tratamento especial em manuais separados.

E (desculpem a pretensão) escolhi um título que ecoa o do livro de Mattoso, um livro que ainda compensa ler sessenta e cinco anos após sua publicação.

APRESENTAÇÃO

OBJETIVOS

Este livro é uma introdução aos estudos lingüísticos, dirigida primariamente a estudantes de graduação. Não é uma introdução a uma teoria particular; procuro transmitir aqui um conjunto de conhecimentos e habilidades que o lingüista deve adquirir já de partida, antes mesmo de tomar contato com uma das modalidades de teoria: cognitivista, gerativista, funcionalista, ou seja lá qual for.

Por outro lado, não há aqui nenhuma insinuação de que as teorias não sejam necessárias. O que há é a convicção de que um lingüista deve ser consciente das escolhas teóricas que faz, e que isso depende de modo fundamental de sua visão dos fatos — o que por sua vez depende de treinamento em observação, coleta e sistematização dos dados da língua. Este livro pretende ser um subsídio para esse treinamento, sem o qual o iniciante fica à mercê de idéias alheias, arriscando-se a nunca se conscientizar devidamente do caráter empírico da lingüística e da fragilidade das teorias.

Não pretendo discutir as razões pelas quais as teorias são frágeis, muito menos sugerir soluções. Ofereço aqui uma introdução às técnicas de análise lingüística: técnicas de obtenção de dados, de sistematização e de interpretação superficial, sem as quais, acredito, nunca vai ser possível elaborar teorias mais sólidas do que as atuais. Essas técnicas permitem elaborar uma **descrição** que tem utilidade em duas áreas principais: primeiro, leva ao conhecimento sistemático dos fatos de uma língua, o que interessa aos estudiosos dessa língua e também aos que a ensinam ou estudam para chegar a seu uso na prática; e, depois, fornece ao lingüista teórico uma base de dados confiável para construir e testar eventuais teorias.

A descrição, evidentemente, não é isenta de teoria. Existe, por trás dos conceitos incluídos neste livro, um grande corpo de princípios teóricos. Isso é inevitável, pois a alternativa seria pura e simplesmente acumular dados sem nenhuma interpretação, algo que seria pouco útil, e que por

outro lado não se justifica, já que os pontos teóricos geralmente aceitos são numerosos. Ninguém questiona, por exemplo, a conveniência de se dividir as palavras em classes, segundo seu comportamento gramatical; ninguém questiona que uma dessas classes (chamada “verbo”) inclui as palavras (mais exatamente, os *lexemas*) que “variam” em pessoa e número (*falto, faltamos*), em oposição às que variam em gênero (*vermelho, vermelha*). Como essas, há um imenso número de coisas que todo lingüista aceita tacitamente ao desenvolver seu trabalho. Ignorar esse consenso seria dar um passo atrás inteiramente desnecessário. As propostas deste livro são, portanto, fundamentadas em muitos pontos teóricos de aceitação geral.

Por outro lado, esse conjunto de pontos não constitui uma teoria unificada universalmente aceita, que até aí ainda não chegamos em lingüística. Por isso, não foi possível evitar a introdução de algumas posições mais específicas, e estas derivam principalmente da influência da corrente denominada “gramática cognitiva”, tal como se apresenta, principalmente, nos trabalhos de Ronald W. Langacker, cuja influência é evidente neste livro. Mas este livro não é uma introdução à gramática cognitiva — é apenas uma introdução às técnicas de análise lingüística, em que, quando inevitável, princípios e conceitos cognitivistas ocupam o lugar que teria que ser ocupado de qualquer maneira. Espero que o livro seja de utilidade também para estudantes e pesquisadores que favorecem outras escolas de pensamento lingüístico. Na impossibilidade de elaborar um livro verdadeiramente “neutro”, achei que essa era a melhor solução.

Apesar dessa situação um tanto incômoda no que diz respeito às teorias, é necessário reconhecer que alguma teorização precisa estar presente por trás de toda afirmação gramatical. Isso pressupõe um alto grau de coerência, de modo que deve ser possível extrair da discussão um sistema teórico que, embora parcial e provisório, faça sentido como um todo — afinal de contas, precisamos, pelo menos, caminhar na direção de uma teoria unificada. Do contrário, seria impossível fazer discussões racionais sobre os fatos da língua. Minha convicção é que a área de consenso mencionada acima é suficientemente ampla para permitir esse tipo de coerência. Nas áreas em que tal consenso é frágil, optei por adotar uma posição relativamente tradicional, mesmo quando tenho restrições quanto a ela. Assim, defini por exemplo as funções de “sujeito” e “objeto direto” da maneira usual, para não trazer à baila, em um livro introdutório, questões ainda mal resolvidas.

FOCALIZANDO A GRAMÁTICA

O foco escolhido para este livro são os estudos gramaticais *stricto sensu*. Isso significa que tive que deixar de lado áreas como a análise do discurso, a pragmática e as relações entre o conhecimento da língua e a cognição em geral, para privilegiar a sintaxe, a semântica e as relações entre elas. Fatores relativos ao conhecimento do mundo são mencionados com frequência, mas apenas quando são relevantes para o estudo da morfossintaxe e da semântica. Também deixei de lado a fonologia, a sociolingüística, a psicolingüística e a lingüística histórica. Essa decisão obedece à opinião de que para o iniciante é mais fácil desenvolver técnicas de análise em áreas nas quais já tem alguma competência — quando mais não seja, por seus estudos anteriores de gramática tradicional —, para depois passar a estudos que requerem uma formação técnica mais intensiva, como a fonologia, ou uma certa mudança de perspectiva frente ao objeto, como a análise do discurso. As habilidades a serem desenvolvidas com a ajuda deste livro, porém, são de utilidade geral, aonde quer que o estudante seja levado por seus interesses posteriores. Pelas mesmas razões, evitei, tanto quanto possível, o uso de formalizações que, mesmo quando úteis, costumam ter como efeito desviar a atenção do estudante dos problemas centrais. Uma vez adquirida uma compreensão básica dos fenômenos gramaticais, a formalização, onde se justifica, pode ser encarada em função de sua eventual utilidade.

O QUE INCLUIR?

De todos os problemas que tive que enfrentar ao escrever este livro, o mais difícil foi o de selecionar o que incluir e o que deixar de fora. À primeira vista tudo parece indispensável, mas é essencial manter o livro dentro de limites bastante estreitos, de modo que possa ser estudado em, no máximo, dois semestres, não só por causa da limitação do currículo, mas também por se levar em conta que é desejável que os alunos tenham alguma exposição a outras áreas da lingüística, além da gramática. Assim, tive que me contentar com uma lista muito restrita de tópicos, e certamente alguns professores a acharão inadequada.

Em diversas passagens, o professor achará que os fatos foram simplificados. Isso é inevitável em uma obra introdutória como esta; a preocupação de ser exato e completo a cada passo só leva, a meu ver, a textos de complexidade proibitiva para o iniciante. Assim, solicito alguma tolerân-

cia para com regras, classificações e princípios menos do que ótimos, em favor do treinamento e da informação básica que eles representam. Pelas mesmas razões, a ordenação da matéria segue mais um critério didático do que conceitual; por isso tive que dividir certos assuntos muito importantes (como a classificação das formas) em mais de um bloco, introduzindo o tema em nível elementar e voltando a ele posteriormente quando se tornou possível um tratamento mais aprofundado.

SOBRE O TREINAMENTO DO LINGÜISTA

As técnicas descritivas são (ou deveriam ser) um componente essencial do treinamento do lingüista, sem importar sua área de atuação ou sua orientação teórica. Escrevi este livro para cobrir uma lacuna na formação atual dos lingüistas, que freqüentemente são informados sobre aspectos teóricos, mas se mostram lamentavelmente deficientes no que se refere à análise das línguas propriamente dita. E acho importante que o estudante tenha condições de trabalhar com dados em função de seu conhecimento lingüístico, evitando a atitude tão freqüente de que os fatos são propriedade de alguns especialistas: gramáticos profissionais, professores ou, em casos patológicos, os “comandos paragramaticais” definidos por Bagno (2003). É essencial transmitir a idéia de que o falante de uma língua conhece, ainda que implicitamente, os fatos dessa língua, e portanto tem autoridade para fazer julgamentos de aceitabilidade.

Por isso, toda a exemplificação e discussão deste livro têm como centro a língua portuguesa; a referência a outras línguas é ocasional. A ênfase é toda na análise do português — mais especificamente, naquilo que distingue o português das outras línguas. Evidentemente, isso não significa que os princípios aqui expostos não tenham importância para a análise das línguas em geral; apenas, escolhi a análise do português como porta de entrada aos estudos lingüísticos, partindo da observação de que princípios gerais são mais bem assimilados quando o estudante consegue relacioná-los com exemplos concretos de análise elaborados com base em dados conhecidos.

Além de fornecer noções básicas de análise e exemplificação tirada da estrutura do português, o texto objetiva desenvolver no estudante uma certa sensibilidade aos fenômenos lingüísticos, algo que lhe permita saber o que observar ao se ver confrontado com dados. Essa é a finalidade principal da ampla exemplificação oferecida.

Ao organizar o texto, admiti certa dose de redundância, de maneira que o leitor encontrará por vezes o mesmo assunto mencionado e discutido em mais de um lugar. Isso facilita a leitura, evitando a irritação de ter que voltar repetidamente a capítulos anteriores — o que também prejudica a concentração e o esforço de compreensão global de cada capítulo. Também com vistas a facilitar o uso, procurei apresentar a matéria em capítulos tão breves quanto possível.

As notas de pé de página são dirigidas mais ao professor do que ao aluno, de maneira que este pode ler o livro e saltar as notas, sem prejuízo da compreensão.

SUGESTÕES: COMO USAR O LIVRO EM AULA

As duas primeiras partes (a introdução, mais os capítulos 1 a 18) foram planejadas para serem vistas em um semestre normal de 60 horas-aula. Esses capítulos devem fornecer ao aluno uma formação básica em gramática, o que constitui a meu ver a melhor porta de entrada aos estudos lingüísticos.

A terceira parte (capítulos 19 a 24) é composta principalmente de questões de gramática portuguesa, discutidas de maneira um pouco mais aprofundada, e às vezes sem chegar a uma solução satisfatória (é preciso lembrar sempre que a estrutura do português é um território inexplorado!). Com turmas mais preparadas, podem ser vistas no mesmo semestre, depois de terminadas as duas primeiras partes. Alternativamente, podem ser parte do material de leitura em um segundo semestre de gramática. Ou, ainda, podem servir ao professor como uma espécie de banco de exemplos, selecionados à medida que o curso avança, e dosados segundo a capacidade da turma.

AGRADECIMENTOS

Para terminar, gostaria de agradecer o auxílio prestado por alguns amigos que tiveram a gentileza de comentar partes deste livro durante sua elaboração. Sou grato a Lúcia Fulgêncio, que leu o texto e fez sugestões valiosas (literalmente a cada página), obrigando-me a rever a organização final e um grande número de detalhes; e também a Yara Bruno e George Manes Pereira, que detectaram diversas obscuridades que tentei sanar. Finalmente, agradeço à Parábola Editorial (Andréia Custódio e Marcos

Marcionilo) pela oportunidade de publicar este livro, apresentando-o aos alunos e professores dessa matéria tão mal-falada, mas no fundo tão fascinante, que é a gramática.

*M.A.P.
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Maio de 2006*